



Revista Lusófona de Educação

ISSN: 1645-7250

revista.lusofona@gmail.com

Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias
Portugal

Sexualidade e Educação Sexual

Revista Lusófona de Educação, núm. 7, 2006, pp. 145-147

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Lisboa, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34900709>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sexualidade e Educação Sexual

Manuel Tavares conversa com Júlio Machado Vaz

Manuel Tavares (MT) - Professor, para iniciarmos a nossa conversa, não se importa de fazer uma breve síntese do seu curriculum vitae?

Júlio Machado Vaz (JMV) – Licenciado em Medicina; especialista em Psiquiatria; doutorado em Psicologia Médica; regente da disciplina de Sociologia Médica; vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica; co-director do mestrado de Sexologia da Universidade Lusófona.

Obra publicadas: *Sexo dos Anjos, O Fio Invisível, Domingos, Sábados e Outros Dias, Conversas no Papel, Estilhaços, Estes Díficeis Amores, Olhos nos Olhos* (publicado em Espanha).

Autor e Apresentador dos seguintes programas televisivos: *Sexualidades e Estes Díficeis Amores*.

Autor e apresentador dos seguintes programas, na rádio: *O Sexo dos Anjos, A Bela e os Monstros, Olhos nos Olhos e o Amor é...*

Director clínico da comunidade Terapêutica de Adaúfe.

MT – «Chega-se ao companheiro ideal após experiências diversas, que permitem reconhecê-lo por contraste de afectos e prazeres, uma vez nos seus braços poderemos dizer sem receio, como Neruda: confesso que vivi.» JMV, *Estilhaços*, pp. 146-147. Depois, vem um conselho: «nem sempre a prática corresponde à teoria.» (op. cit., p. 147).

Este discurso seria impensável tê-lo há quarenta anos. Os tempos mudaram mesmo? Estas «experiências diversas», estes contrastes, significam saltar de ramo em ramo, experimentar a sexualidade, descobrir, descobrir-se, re-descobrir-se? Por onde andam os tabus? Por fim, o conselho às mulheres: cuidado! Os homens sabem o que significam as suas experiências diversas! Não as aceitam nas mulheres (nas

suas)! É isso? Há, então, uma retórica no discurso masculino sobre a igualdade entre os sexos?

JMV – Vivemos tempos de alguma «experimentação curtida e eufórica», mas sobretudo de monogamia seriada – um homem das suas vidas de cada vez e fazendo figas para que funcione!

É verdade: os homens debitam um discurso politicamente correcto para «portuguesas verem». E, às vezes, – os marotos! – para as seduzirem. Mas não para lhes aceitar a igualdade ao nível dos comportamentos.

MT – A retórica masculina sobre a sexualidade tem finalidades perversas? Será que as novas narrativas se enquadram numa estratégia de conquista pós-moderna? Ou, tal como os deuses, os homens também evoluem?

JMV – Claro que evoluem (quanto aos deuses, não sei). Mas menos do que parece e com menores diferenças do que seria de esperar nas gerações mais novas.

MT – Gostaria que me falasse um pouco de como perspectiva a educação sexual nas nossas escolas. Uma disciplina específica? Integrada em diversas disciplinas? Qual o âmbito dessa educação sexual? Complemento da Educação na família ou, apenas, numa perspectiva científica?

JMV – 1º Nunca me agradou a hipótese de uma disciplina específica, tresanda a presente envenenado, pois pode tornar-se no “gueto sexual” das terças às onze da manhã. 2º O núcleo duro informativo e de avaliação obrigatória ficaria muito bem na área da saúde, desde que acompanhado por uma

discussão dos factores culturais que influenciam, por exemplo, as tomadas de decisão na vertente preventiva. 3º Nas diversas disciplinas que amplamente o justificam – história, psicologia, literatura.. – a sexualidade deveria ser abordada pelo que é – parte integrante da personalidade e das relações interpessoais. 4º A “perspectiva científica” não pode ser isolada de questões éticas em particular, e culturais, em geral. De resto, não acredito em abordagens científicas “puras”, a ciência não se limita a discutir factos, interpreta-os à luz dos mais variados pré-conceitos e ideologias.

MT – *As suas investigações direccionam-se, actualmente, para a história da sexualidade (penso que não estou a fazer confusão!). Por que razão a nossa relação com o corpo (o corpo próprio, como diz Ricoeur) é, ainda, numa época tão freneticamente liberal, tão complicada? Estudamos o corpo, referimo-nos a ele cientificamente sem tabus (o corpo-objecto, também expressão de Ricoeur) e, quando se trata de uma relação afectiva, sensual, erótica... tudo se complica?*

Por outro lado, o discurso sobre a sexualidade tem sido, ao longo da história, por um lado, um discurso do silêncio e, por outro, um discurso da repressão, do arrependimento e da culpabilidade. Concorda com esta leitura? Se sim, como criar hoje narrativas sobre a sexualidade que se enquadrem nas novas narrativas do corpo como, por exemplo, as da publicidade?

JMV – Não creio que possamos falar de história da sexualidade. O conceito é moderno e não faria sentido, por exemplo, para os clássicos, que não davam ao sexo a importância nuclear e “rotuladora” que lhe atribuímos. Penso que assistimos a uma pseudo-libertação sexual e a uma reificação de um corpo não pensado ou fantasiado. E sem fantasia, a um ritmo frenético, como aspirar ao erotismo? Não concordo inteiramente com a leitura que refere, ela está ligada à Igreja (não emprego a expressão “tradição judaico-cristã” porque a conside-

ro injusta para Jesus e para os Judeus). Mas, ao mesmo tempo, ao erigir a Carne como inimigo principal – na minha opinião ao arrepio dos *Evangelhos*.... –, a Igreja deu-lhe uma visibilidade aterradora; pense nos milhares de páginas escritas sobre o tema por obcecados homens de negro. Qualquer penitencial do primeiro milénio faz corar de inveja os *Tratados de Sexologia*!

MT – *Na era da globalização, é inevitável que as sociedades democráticas ocidentais se transformem, cada vez mais, em sociedades multiculturais. Estaremos nós preparados, do ponto de vista das mentalidades, para aceitar determinadas práticas, ditas culturais, de iniciação à fase adulta, como, por exemplo, mutilação de órgãos genitais femininos, circuncisão? Cultura ou barbárie? Crime ou cultura?*

JMV – Fui educado na convicção de que a democracia defende os direitos até dos que conspiram contra ela. Em contrapartida, considero que o multiculturalismo não pode servir de justificação a atentados contra a dignidade da pessoa humana. A questão faz-me pensar no que em antropologia médica apelidamos de “camuflagem cultural”: determinado indivíduo, por exemplo, não abusa do álcool, e ponto, parágrafo. O comportamento acontece, porque ele é, suponhamos, irlandês. Uma cultura não pode servir de alibi a práticas como a mutilação genital feminina, embora possa admitir, num período de transição, a possibilidade de pactuar com rituais simbólicos que evitem práticas discriminatórias por parte do grupo em questão.

MT – *Com a vulgarização de Internet, de salas privadas de chat, onde, muitas vezes, se pratica sexo virtual a dois ou em grupo, com a vulgarização das Web Cams, como analisa este novo tipo de relacionamento virtual, solitário e, por outro lado, que reflexos psicoafectivos poderão ter nos indivíduos que aderem a essas práticas e que consequências nos relacionamentos afectivos reais?*

JMV- A tecnologia é o que fazemos dela. Conheço namoros e casamentos que começaram na Net, abençoada seja! Mas também observo o enorme potencial aditivo desse mundo, o qual, se “encaixa” em determinadas características psicológicas, pode levar pessoas a recusarem as agruras – e recompensas... – das relações “ao vivo”. O caso de adolescentes que se auto-exilam no seu quarto é particularmente preocupante. Por outro lado, a experiência de ter um blogue foi uma agradável surpresa, ao demonstrar-me as extraordinárias potencialidades do que apelidaria de “tertúlia virtual”. Mas é evidente que o anonimato da Net também permite a activação do que mais cruel e mesquinho nos habita.

MT – *“Uma em cada três adolescentes já tomou a pílula do dia seguinte. As jovens portuguesas continuam a correr muitos riscos nas relações sexuais. Um dos maiores estudos sobre as práticas contraceptivas já realizados em Portugal revela que uma em cada seis raparigas entre os 15 e os 19 anos não utiliza qualquer método anticoncepcional.” (Alexandra Campos, Público, 03-03-05). Quer fazer um comentário?*

JMV – Quando, vinte e um anos depois da aprovação de uma lei de educação sexual, um ministério precisa de constituir uma comissão para averiguar o que se passa no (seu) terreno, está tudo dito sobre o que os sucessivos Governos fizeram para modificar esse estado de coisas.